

Dialogismo e vozes: refrações em materiais didáticos de língua portuguesa

(Dialogism and voices: refractions in Portuguese Language educational materials)

Shirlei Neves-Santos¹

¹Relendo Bakhtin/PPG Estudos de Linguagens — Universidade Federal de Mato Grosso (Rebak/UFMT)
Instituto de Estudos da Linguagem — Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC/MT)

shirlei-neves@hotmail.com

Abstract: This article aims at presenting how the principles of dialogism and voices were thematized in educational activities, which are focused on the reading and writing of opinion essays through educational materials such as thematic workbooks. The material analyzed was taken from the workbook “Pontos de Vista”, of the Portuguese Language Olympics Program *Writing the Future*. This study is substantiated methodologically by qualitative investigation based on documental research. In theoretical terms it is based on the concepts of dialogism and voices from a Bakhtinian perspective.

Keywords: dialogism, voices, educational process, educational material.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar como os princípios de dialogismo e vozes foram tematizados em atividades didáticas voltadas para a leitura e a escrita do artigo de opinião em um material didático do tipo caderno. O material analisado foi o caderno “Pontos de Vista”, do Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Usa-se como fundamento metodológico a investigação qualitativa com base em uma pesquisa documental. Em termos teóricos, ancora-se nos conceitos de dialogismo e vozes, na perspectiva bakhtiniana.

Palavras-chave: dialogismo, vozes, didatização, material didático.

Introdução

O pensamento de Bakhtin e do Círculo acerca da linguagem exerceu/exerce forte influência sobre teóricos e educadores a partir da metade do século XX e transformou-se numa referência constante nos últimos anos nos espaços acadêmicos e de pesquisa. As discussões acadêmicas e suas publicações em pesquisas e outros meios influenciam, por sua vez, os documentos oficiais (BRASIL, 1998, 2002), que passam a sugerir essa concepção para o trabalho com a linguagem em atividades de ensino de língua portuguesa. Também autores de materiais didáticos têm buscado, nessa concepção, principalmente no conceito de gêneros do discurso, fundamentos para suas propostas de ensino-aprendizagem de escrita e de leitura.

O pensamento linguístico de Bakhtin e do Círculo tem sido apropriado, muitas vezes, de maneira literal e sempre revisto, na forma de releituras que citam e se servem de alguns referenciais teóricos dos autores para suas teorias e propósitos didáticos, ao mesmo tempo em que dele se distancia, resultando no aparecimento de conceitos nem sempre unívocos e consensuais, como é o caso da contraposição, hoje instaurada, entre gêneros discursivos e gêneros textuais.

O objetivo deste artigo é apresentar como dois dos referenciais teóricos desses pensadores, os princípios de dialogismo e vozes, foram tematizados em atividades didáticas voltadas para a leitura e a escrita do artigo de opinião em um material didático do tipo caderno.¹ O material analisado foi o caderno “Pontos de Vista”, do Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF, 2010), objeto de análise de uma pesquisa de mestrado (NEVES-SANTOS, 2011). O caderno tem como destinatários professores e, indiretamente, alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio de escolas públicas brasileiras.

O Programa OLPEF é uma política pública de educação linguística de abrangência nacional, executada em parceria entre o Ministério da Educação (MEC), o Banco Itaú e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). O objetivo primeiro dessa política linguística é fomentar o ensino da escrita de gêneros textuais, com base no modelo de sequência didática, proposto pela Escola de Didática da Universidade de Genebra (UNIGE), cujos representantes mais conhecidos, no Brasil, são Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz.

O procedimento didático da Escola Didática de Genebra é apresentado como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral/escrito, o qual tem por objetivo melhorar uma determinada prática de linguagem” (DOLZ; SCHNEUWLY; NOVERRAZ, 2004 [2001], p. 97). Em linhas gerais, esse modelo é construído em três fases: a primeira é a do conhecimento da situação de produção; a segunda é a da intervenção nos problemas de comunicação encontrados na fase anterior e; a terceira é o momento da produção final.

Barbosa (2001) aponta como pontos positivos desse procedimento uma abordagem construtivista reflexiva, que facilita a apropriação dos gêneros, pois o trabalho por sequências supõe um caminho indutivo no percurso do qual o aluno é levado à manipulação, ao uso, à reflexão e à apropriação dos elementos que compõem o gênero. A sequenciação permite ainda a variação dos modos de trabalho, atendendo às exigências da diferenciação, e um caminho para a avaliação formativa.

O modelo didático genebrino serve-se, principalmente, dos critérios de domínios sociais de comunicação, estruturas discursivas e capacidades de linguagem para a modelização dos gêneros. Tais critérios têm sua pertinência à medida que, sendo transversais aos gêneros, funcionariam como um esquema generalizado de apropriação de suas propriedades e, quando devidamente apropriados, daria aos alunos certa autonomia e desempenho na produção e compreensão dos diversos gêneros. No entanto, eles restringem o tratamento dos elementos específicos dos textos/enunciados, direcionando o enfoque mais para as questões de funcionalidade, composição ou estruturação, limitando o tratamento da discursividade.

1 A denominação “caderno didático” é usada para diferenciar esse material do livro didático em termos de organização e uso. O caderno constitui-se em projeto de ensino de um único gênero, construído em sequências didáticas convencionais ou propostas de trabalho inspiradas nessa abordagem. Trata-se também de um material cujo uso no meio escolar ainda é bastante recente, se comparado ao do livro. Sua presença em sala de aula, apesar de crescente, ainda não é vista como algo institucional, mas pontual, atendendo a propósitos específicos, como é o caso do concurso de produção textual da Olimpíada. Por essa circulação e uso diferenciados do livro didático esse material ainda não passa por avaliação institucional do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para ser usado em sala de aula.

Então, este modelo didático é foco da política linguística fomentada pelo Programa OLPEF que recorre como estratégia principal para sua implantação nas escolas públicas brasileiras a um concurso de produção textual para a realização do qual oferece cursos presenciais, cursos *on-line* e materiais didáticos distribuídos bianualmente como kits para aplicação em sala de aula.

Neste artigo, apresenta-se um recorte que faz parte de uma seção (ou oficina), dedicada ao ensino do conceito de vozes na produção do artigo de opinião. Usa-se como fundamentos metodológicos a investigação qualitativa com base em uma pesquisa documental. Em termos teóricos, ancora-se nos conceitos de dialogismo e vozes para analisar sua didatização em uma oficina de leitura e interpretação voltada para a compreensão desses conceitos em um artigo de opinião.

Dialogismo e vozes: a teoria

A concepção de linguagem de Bakhtin e do Círculo ancora-se num pensamento concreto assentado na relação entre um “eu” e um “outro”. Nessa perspectiva, a unidade da comunicação verbal é o enunciado concreto, cuja marca principal é a alternância dos sujeitos do discurso. Esse entendimento baliza a construção do conceito de dialogismo em termos de enunciados respondendo a outros numa corrente de comunicação ininterrupta.

Pelo processo do dialogismo, Bakhtin pensa o problema do sentido nos estudos linguísticos, demonstrando sua forte capacidade de articular elementos fixos a elementos dinâmicos em um todo indissolúvel. Volochinov, no texto de 1929, dedica um capítulo específico a essa questão ao tratar do sentido geral e particular da linguagem, antecipando que se tratava de um problema bastante difícil para os estudos linguísticos do início do século XX até mais da sua metade.

Na obra de 1929, o conceito de enunciado concreto, denominado ali por ato discursivo, é apresentado como um fenômeno de sentido estável e instável, pois se insere numa corrente ininterrupta de comunicação social. Assim, o discurso supõe um sentido estabilizado e um sentido específico. O primeiro é denominado de significação e o segundo de tema do enunciado. A significação está no plano do sistema da língua, de suas formas gramaticais, lexicais; o tema está no plano da interação. Sobre a distinção entre um e outro, Volochinov propõe que:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. (VOLOCHINOV, 2009[1929], p. 134)

Por essa colocação, apreende-se que o tema mobiliza as formas da língua segundo as condições de produção [de enunciação]. Por isso, para Volochinov (2009 [1929]), a significação é o estágio inferior, em potencial, da capacidade da língua de significar, enquanto o tema seria o estágio superior.

Sobral (2009, p. 75) observa que é preciso tomar a inter-relação entre tema e significação não em termos de hierarquia, mas de precedência, isto é, a significação antecede o tema, que precisa da base dela para se estabelecer. Por outro lado, sozinha, a significação

não dá conta do sentido porque atua no nível do que é potencial, abstrato, dicionarizado, que toma concretude apenas no interior de um discurso concreto. Sendo assim, o tema nasce da inter-relação autor/interlocutor numa situação histórica e concreta de comunicação, articulada com a significação composta pela somatória de todas as significações das formas de suas relações morfológicas, sintáticas, léxicas, etc.

No âmbito da teoria bakhtiniana, não se separa tema de significação. Não há como tomar a significação independente do tema, bem como o tema fora da base da significação, pois o todo discursivo perderia seu elo na corrente da comunicação verbal. Para os autores russos, essa diferenciação é mais bem entendida no âmbito da compreensão.

A base da comunicação é a interação social entre sujeitos socialmente constituídos orientados pela valoração que é ideológica. A interação só é possível porque os sujeitos que entram em relação atuam na base do conhecimento comum da situação discursiva, partilham um horizonte espacial comum e conhecem o material pelo qual a comunicação é concretizada. Nesse sentido:

[...] compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. (VOLOCHINOV, 2009 [1929], p. 137)

Assim, se houver compreensão, esta é seguida necessariamente de uma resposta. Para responder, os interlocutores pressupõem a existência de um sistema linguístico com que materialize sua orientação apreciativa em relação ao dizer do outro, não importando o tipo de relação que estabeleça com ele. Nesses termos, a compreensão é ativa e se trata de um aspecto do dialogismo: “compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra” (VOLOCHINOV, 2009 [1929], p. 137). Essa contrapalavra é uma apreciação valorativa que o interlocutor realiza da palavra do autor.

No ensaio de 1952-53, Bakhtin diz que ao compreender o sentido do discurso, o interlocutor “concorda ou discorda (total ou parcialmente) completa-o, aplica-o, prepara para usá-lo” (BAKHTIN, 2003a [1952-1953], p. 271). O gesto de compreensão só se torna possível porque os falantes partilham o conhecimento comum do contexto sócio-histórico e ideológico. E isso engendra o ato de resposta ativa, fazendo com que cada enunciado concreto realizado em uma esfera de atividade humana específica torne-se um elo na comunicação discursiva.

Quando o sujeito imerge na corrente da comunicação discursiva, o faz a partir das situações a que é exposto e em que está inserido. Por isso, a realidade apresentada mediante a linguagem é uma realidade semiotizada, valorada, que passou pelo crivo da avaliação de outros. Quando tratamos de um objeto, voltamos nosso olhar para os discursos que o circundam e não para a realidade em si mesma. É nesse sentido que se afirma que os sentidos nascem dos diálogos entre formas de discursos passados e formas de discursos futuros.

As relações dialógicas são entendidas também como confrontos de vozes que povoam os domínios culturais de uma dada sociedade, comunidade ou grupo social. Nessa perspectiva, o dialogismo da linguagem é estruturado a partir da articulação de diferentes vozes instauradas na produção discursiva. Na obra de 1934-35, Bakhtin define-o como

sentidos sociais, visões de mundo ou pontos de vista objetificados nos discursos, que funcionam como arena de enfrentamento entre essas diferentes vozes, como o lugar da presença inerente do outro (BAKHTIN, 2010[1934-35]). Em uma obra posterior, encontra-se outra reflexão sobre esse conceito:

[...] não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2003b [1959-61], p. 330)

Trata-se de um conceito que implica a presença do outro como princípio constitutivo da produção e funcionamento discursivo. Nesse princípio alteritário de estruturação e organização discursiva, pode-se perceber que sob o conceito de vozes, que remete ao dialogismo, transitam diversas categorias configuradas de acordo com a especificidade da esfera cultural e do gênero discursivo sobre os quais o Círculo se debruça em uma obra ou em outra, como é o caso de polifonia, de plurilinguismo, do fenômeno da bivocalidade, etc.

Pode-se dizer que a alteridade radicaliza-se na concepção discursiva bakhtiniana, pois os lugares enunciativos se desdobram em multiplicidades de vozes ouvidas em um mesmo lugar — o texto/discurso. É possível ouvir as vozes do destinatário suposto; do destinatário real; de um supradestinatário; do lugar do objeto discursivo; do autor-pessoa; do autor-criador, etc. Este trabalho não se volta especificamente sobre esses conceitos, mas para a questão da representação no discurso, precisamente, ao que Amorim (2002) chama de níveis de análise na obra bakhtiniana.

Bakhtin (2010[1934-35]) fala em discurso monológico univocal e discurso dialógico plurivocal. Não se trata de uma contradição, tendo em vista que a condição de todo discurso, do ponto de vista bakhtiniano, é ser dialógico, está animado pela presença de outros discursos, ainda que estes não tenham na superfície textual uma separação nítida. Há, assim, um nível histórico-orgânico, isto é, constitutivo da produção discursiva, e outro composicional, referindo-se a formas de escrita e composição dos textos. Então, é na materialidade textual, na organização composicional dos discursos, que se pode falar em formas monológicas e formas dialógicas.

No monologismo, de acordo com o que pretende dizer o autor, a forma como o texto é escrito tende, implícita ou explicitamente, a apagar as vozes dos discursos que o constituem, construindo um cenário em que a voz do autor domina plenamente. No dialogismo, a configuração do discurso é feita de forma que se deixe ouvir mais nítida ou sugestivamente a orquestração de vozes que o estruturam. Há, assim, uma estratégia discursiva de fazer ver abertamente o coro de vozes com que se entretém o autor, com elas mantendo uma relação de concordância, discordância, monofônica ou polifônica.

Para Bakhtin (2003b [1959-1961]), as formas monológicas e dialógicas são concepções restritas de dialogismo, porque a concepção ampla, a constitutiva, é inerente ao funcionamento concreto dos discursos. Essas formas de incorporação dos discursos alheios no próprio discurso são a maneira de fazer ver esse princípio constitutivo funcionando na comunicação concreta. Assim, no funcionamento real dos discursos não existem relações monológicas, mas formas que tendem a monologizar. Nesse sentido, por mais monologizado, autoritário que pareça ser um discurso, ele é sempre uma réplica a outro discurso.

As formas de discurso monológico são importantes no trabalho de análise para auxiliar a entender os discursos dogmáticos, por exemplo. Amorim, ao propor uma reflexão acerca das vozes e do silêncio no texto, observa que, sendo os textos sempre híbridos, na análise, “o interessante é poder identificar em que lugar ele é monológico e em que outro ele é dialógico, e quais são os efeitos de sentido que essa disposição de vozes produz” (AMORIM, 2002, p. 12).

De acordo com Volochinov (2009[1929]), há duas maneiras de incorporação dos discursos dos outros no próprio. A primeira apresenta-se na forma de discurso objetificado, isto é, o discurso do outro é citado bem como demarcado explicitamente no discurso citante, mediante a mobilização de formas textuais, como discurso direto, discurso indireto, aspas, negação, etc.

A segunda apresenta-se na forma do discurso bivocal, que não deixa marcas nítidas de separação entre discurso citado e discurso citante, há uma dialogização interna, presumida, que só se apreende pela compreensão de estratégias discursivas, como discurso indireto livre, ironia, paródia entre outros. Para Brait, a bivocalização é um fenômeno comum ao discurso, não havendo possibilidade de univocalização, por isso as palavras vindas de outrem “tecem o discurso individual de forma que as vozes – elaboradas, citadas, assimiladas ou simplesmente mascaradas – interpenetram-se de maneira a se fazer ouvir ou a ficar nas sombras autoritárias de um discurso monologizado” (BRAIT, 1994, p. 14-15).

Em suma, para pensar o discursivo com Bakhtin e o Círculo, é preciso que o visualizemos como evento vivo, enunciado concreto – acontecimento verbal – que participa da corrente de comunicação social ininterrupta. Sobral (2009) assinala que o dialogismo não se limita ao contexto imediato, às interações realizadas em um contexto físico, muito menos à textualidade, à materialidade discursiva. O dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, logo, dos discursos, mobiliza elementos numa dimensão bem mais ampla, além do linguístico para o social, a historicidade, os valores, as ideologias, etc. O linguístico é apenas uma via imprescindível para a materialização do discurso, mas os elementos mais importantes para sua compreensão são da ordem da enunciação.

Dialogismo e vozes: a didatização

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho, o objetivo deste artigo é apresentar como os conceitos de dialogismo e vozes foram didatizados em uma oficina do caderno “Pontos de Vista” (PV) (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2010), da OLPEF. A oficina dedicada à tematização desses conceitos é a 11^a (décima primeira), com o título “Vozes presentes no artigo de opinião”. Os objetivos específicos da oficina são: “identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage” (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2010, p. 115).

Antes de iniciar a análise, sabe-se, de antemão, que o conceito de vozes está associado a várias teorias da linguagem – enunciação, análise do discurso, enunciativo-discursiva, interacionista sociodiscursiva etc. Nesta análise, assumimos a perspectiva enunciativo-discursiva, cujos autores de referência são o próprio Bakhtin e o Círculo, para olhar a operacionalização desse conceito no projeto de ensino do artigo de opinião em um caderno didático voltado para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita de jovens da escola pública brasileira.

O texto-base utilizado para a tematização dos conceitos intitula-se “Só há notícia ser for muito ruim”, de autoria do jornalista e diretor do escritório Brickmann & Associados, Carlos Brickmann, e publicado no *Observatório da Imprensa*, do dia 18/08/2009.² Na oficina, o conceito de vozes apresentado pelo discurso autoral está subdividido em duas categorias: aliado/adversário e auditório. Essas categorias são desdobradas nas formas de discurso de autoridade, fatos, dados estatísticos, exemplos etc.:

A proposta é fazer os alunos perceberem que um artigo de opinião tende a reproduzir, no corpo do texto, o próprio debate de que participa. Nesse sentido, costuma trazer diversas “vozes”, isto é, referências explícitas ou implícitas a informações e/ou posições de diferentes protagonistas do debate, apontados como aliados, adversários, ou, ainda, como parte do auditório. No primeiro caso, a voz de um aliado tem a função de apoiar a tese defendida. Já a voz de um adversário representa um contra-argumento possível (como referido nas Oficinas 7 e 8) e vem mencionado pelo articulista para ser rebatido. O auditório aparece, muitas vezes, nas referências ao leitor, ao cidadão, à comunidade, ao país etc. De maneira geral, o auditório, conforme explicação dada na Oficina 2, representa, no debate, o conjunto dos interlocutores que o argumentador quer convencer, ou, ainda, a opinião pública.

As vozes de um texto

A expressão “voz” não se refere apenas à palavra, falada ou escrita, de indivíduos e instituições. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos de diferentes ciências também são considerados vozes, na medida em que são assumidos socialmente por especialistas e/ou instituições que funcionam como protagonistas de um discurso. Num texto argumentativo, as vozes tendem a se organizar como num debate, assumindo funções específicas.

(RANGEL, E.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. *Pontos de Vista*. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 116-117.)

Na definição e explicação do conceito de vozes, percebe-se certa tensão em relação à concepção teórica assumida para didatizar o conceito de vozes. O discurso autoral ora se movimenta para uma abordagem mais discursiva “um artigo de opinião tende a reproduzir, no corpo do texto, o próprio debate de que participa... costuma trazer diversas vozes, isto é, referências explícitas e implícitas a informações e/ou posições diferentes”, ora para uma abordagem mais retórica “a voz de um aliado tem a função de apoiar a tese defendida... a voz de um adversário representa um contra-argumento possível... o auditório representa, no debate, o conjunto dos interlocutores que o argumentador quer convencer [...]” (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2010, p. 116). Se há certa tensão entre uma perspectiva retórica e outra discursiva na definição do conceito, na operacionalização, o discurso autoral privilegia uma abordagem – a retórica. Observemos a atividade a seguir:

² Disponível em: <www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=5551cir001>.

2ª etapa

As vozes no artigo

Atividades

- Instigue os alunos com perguntas que os levem a perceber, no texto, as diferentes vozes. Escreva na lousa as questões abaixo e peça-lhes que, em pequenos grupos, releiam o texto, discutam e localizem as respostas. Identificar os trechos que contenham elementos que ajudem a responder às perguntas é uma boa estratégia de aprendizagem.

a) Qual é a posição do articulista sobre a questão?

b) Para constituir seus argumentos, Brickmann recorre à voz de Elio Gaspari. Pergunte aos alunos se conhecem esse jornalista e apresente alguns dados sobre ele, avaliando a importância dele para o artigo.

Elio Gaspari é jornalista, publicou uma série de quatro livros sobre a ditadura militar brasileira, dividida em duas partes: *As ilusões armadas* e *O sacerdote e o feiticeira*. Começou a carreira escrevendo para um semanário chamado *Novos Rumos*. Seus textos tiveram destaque em outros periódicos: o jornal *Diário de São Paulo*, a revista *Veja* e o *Jornal do Brasil*. Atualmente, é comentarista do jornal *Folha de S. Paulo* e seus artigos são publicados também nos jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro; e *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

c) Toda a argumentação é construída com informações cujas fontes ou são mencionadas ou estão subentendidas. Em todos esses casos há muitas vozes aliadas ao articulista. Peça aos alunos que identifiquem algumas delas.

d) Ao longo do artigo, o articulista se refere ora à imprensa de circulação restrita, ora à grande imprensa. Em que trechos do texto cada uma delas aparece? Que papel (opositor/aliado) Brickmann atribui a cada uma delas, em relação à sua posição pessoal?

e) Nos dois últimos parágrafos o autor do artigo se dirige ao leitor por meio de perguntas e de propostas de ação concreta. Peça aos alunos que identifiquem as expressões que se referem ao leitor e a proposta que o articulista faz a ele.

- Para finalizar, um representante de cada grupo lerá para a classe as respostas elaboradas, cabendo a você promover, se possível, uma discussão coletiva a esse respeito.

- Para ajudar no trabalho de sala de aula, o artigo desta oficina vem acompanhado de um comentário geral e de observações pontuais, distribuídas ao longo do texto.

(RANGEL, E.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. *Pontos de Vista*. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 119-120.)

Nas instruções postas para a apreensão das vozes presentes no texto usado como referência para a realização da atividade, o conceito de vozes é restringido a um aspecto funcional que o discurso autoral arregimenta para ilustrar como o articulista serve-se disso para referendar seu ponto de vista (comandas *b*, *c*, *d* e *e*).

Percebemos que, na condução dada à questão, a atividade investe numa articulação entre o que se apresenta por vozes e o que o discurso autoral apresenta ao longo da proposta como tipos de argumentos, que entram na composição dos textos/enunciados com a função de fundamentar o ponto de vista do autor dos textos argumentativos.

Observamos que o discurso autoral, na comanda *b*, esforça-se por dar certa orientação valorativa para a presença do outro, o jornalista Elio Gaspari, no texto do articu-

lista. Entretanto, essa orientação é simplista, pois as informações referentes aos dados profissionais do jornalista não se desdobram na interpretação da forma como a voz desse jornalista foi transmitida no texto. Não há qualquer articulação entre a incorporação dessa voz e o lugar social assumido por seu autor no contexto do artigo do articulista, e suas decorrências em termos de efeitos de sentido. Há, assim, um encaminhamento para a apreensão do outro como individual (pessoa física) e o propósito é apenas sua localização no discurso citante como apoio para a tese do articulista.

Nota-se que, na comanda *c*, existe um movimento de associação entre dados e vozes, isto é, as informações representadas no texto exemplar do artigo de opinião são atribuídas a determinadas vozes, cuja função é se aliar ao e respaldar o ponto de vista do articulista, sinalizadas pelo discurso autoral em “de acordo com os números da respeitadíssima Fundação Seade” e “Dizem que [grifos do autor]”. Essas duas vozes foram evidenciadas pelo discurso autoral apenas a título de localização e apontamento de sua função (aliada) no texto. Assim como apontamos na comanda anterior, o discurso autoral não oferece encaminhamentos para a apreensão dos lugares sociais preferíveis arrematados no texto do articulista e seus efeitos na orientação e relação para outros textos.

Tal abordagem repete-se, na condução contida na comanda *d*, em que o enfoque recai sobre as duas funções que as vozes transmitidas assumem no discurso do articulista: a de se aliar ou a de se opor ao articulista. Podemos afirmar que a função dicotômica dessas vozes vai depender do grau de proximidade que estabelece com a tese do articulista. Assim, a grande imprensa/o pessoal/a patrulha é uma voz adversária, porque, diferentemente do que defende o articulista, privilegia as más notícias, já a imprensa local é uma voz aliada, pois abre espaço para as boas notícias, apresentadas pelo articulista. Em relação ao papel do leitor, na comanda *e*, este se restringe ser convencido pelo articulista.

Podemos depreender que a operacionalização do conceito de vozes está posta de duas formas na atividade do Caderno PV. No nível da representação, o discurso autoral prioriza a seleção dos mecanismos de transmissão e organização das vozes do outro de forma declarada ou citada, precisamente pelas marcas linguísticas do discurso indireto. No nível das relações, são privilegiadas as lógicas (tese, argumentos, conclusão), construídas em cima de discordâncias/polêmica aberta; e funcionais (convencer, persuadir). Em termos de objetivos, percebemos que a pretensão do discurso autoral é levar o aluno a localizar e (re)conhecer essas formas tematizadas na atividade. Tal operacionalização aproxima-se mais de uma perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart (1999), que tende a usar o conceito de vozes para referir à presença de discursos individuais (no sentido pessoa física) declaradamente citada nos textos.

Já em uma perspectiva enunciativo-discursiva, as relações de sentido estabelecidas entre diferentes vozes em um mesmo texto não são redutíveis aos mecanismos de transmissão das vozes alheias no texto, nem essas vozes são individuais no sentido de pessoa física. Aquelas seriam mais amplas e complexas. Se as formas de composição são definidas conforme o autor presente ou não as vozes de outros em seu texto, as relações de sentido, independentemente de o autor apresentá-las ou não, estarão constitutivamente presentes no seu texto, ainda que não se mostrem nitidamente, mas no todo do sentido, na expressão, no estilo, nas ínfimas nuances da composição etc. Isso porque, remetendo a Bakhtin:

O enunciado [texto] é pleno de tonalidades dialógicas [...] Porque a nossa própria idéia — seja filosófica, científica, artística — nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003a[1952-53], p. 289)

Conforme podemos depreender deste trecho de Bakhtin, no sistema de alteridades infinitas, há diferentes maneiras de fazer falar a voz do outro. Assim, o conceito de voz alheia ou apropriada possui variadas gradações e matizes e não pode estar limitado pelos mecanismos de transmissão dessa palavra de forma declarada ou marcada. Como bem assinala Brait:

Registrar a existência de um discurso indireto como forma de instauração da voz alheia não significa praticamente nada para o conceito de dialogismo, de vozes em confronto, estabelecido por Bakhtin. É necessário observar no conjunto do enunciado, do discurso, de que forma a confluência das vozes significa muito mais uma interpretação do discurso alheio, ou a manipulação na direção da argumentação autoritária, ou mesmo a apropriação e subversão desse discurso. (BRAIT, 1994, p. 25)

Achamos que a observação acima é bastante pertinente para a nossa discussão em torno do uso do conceito de vozes na atividade do Caderno PV, ainda que esse material, conforme já apontamos, não empregue uma abordagem enunciativo-discursiva. Isso porque, sendo as relações entre as diferentes vozes declaradas ou não, caberá ao leitor, *a posteriori*, representá-las na sua resposta compreensiva e criadora, e a escuta dessa pluralidade de vozes que habitam os textos dependerá da memória discursiva do leitor, conforme pontua Amorim (2003).

Sabemos que a didatização implica transformações dos objetos de saber em objetos a serem ensinados e que esse processo leva, em termos, a simplificações resultantes do esforço de aproximação do público destinatário (no caso professores e alunos do ensino médio da rede pública de ensino) em termos de suas necessidades e possibilidades. Entretanto, em nosso entendimento, isso não impede que, no caso em análise, seja função do discurso autoral, na medida em que se propõe formar o professor para ensinar os alunos, fornecer condições mais favoráveis para uma recepção e réplica ativa desses textos na escola. Assim, o que estaria implicado não seriam apenas as formas de transmissão dessas vozes em cada gênero ou texto, mas também as formas como eles são recepcionados na escola. E, parafraseando Brait (1994), diríamos que munidos da capacidade de replicar ativamente os textos, os professores e os alunos poderiam, diante de um texto, perguntar se a multiplicidade de vozes declaradas demonstra um democrático processo dialógico ou unicamente a simulação desse processo pela disposição de diferentes vozes dissonantes. A nosso ver, essas condições, na atividade ora analisada, não foram dadas.

Considerações finais

O pensamento bakhtiniano acerca do funcionamento da linguagem, como se afirmou na introdução, tem se mostrado muito promissor para pensar projetos de ensino-aprendizagem da escrita e da leitura. A recepção dessa teoria linguística, no Ocidente, especificamente no contexto brasileiro e em outros países europeus, como a França, tem sido feita em diálogo com outras teorias, como a Linguística Textual. A releitura dos con-

ceitos bakhtinianos pelas grelhas conceituais dessas teorias culmina, quase sempre, em sua interpretação literal ou revista. Essa atitude tem reduzido, de certa forma, o potencial que os conceitos linguísticos bakhtinianos fornecem para pensar projetos mais críticos e democráticos de ensino-aprendizagem da linguagem, conforme se pode demonstrar na análise apresentada neste artigo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Vozes e Silêncio no texto de pesquisas em Ciências Humanas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 7-19, jul. 2002.

_____. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética – A teoria do romance*. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 2010 [1934-35/1975]. p. 71-164.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1952-1953]. p. 261-306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003b [1959-1961]. p. 307-334.

BARBOSA, J. P. *Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Estudo de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental/Língua Portuguesa*. Brasília, DF: SEF/MEC, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília/MEC/Semtec, 2002.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L.P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 11-27.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Cols.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004 [2001]. p. 95-128.

RANGEL, E.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. *Pontos de Vista: Caderno do Professor: orientação para a produção de textos*. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social: Brasília: MEC, 2010.

ROJO, R. H. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. (Org.) *A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 313-335.

NEVES-SANTOS, S. *A discursividade no Caderno "Pontos de Vista" da Olimpíada da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*. Cuiabá: UFMT, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

ANEXO I

Artigo de opinião

Só há notícia se for muito ruim
Carlos Brickmann

- 1 Elio Gaspari costuma dizer que, nas redações, a notícia chega devagarzinho, abre a porta de leve, põe a cabeça para dentro e entra correndo para esconder-se. Se alguém a notar, será imediatamente chutada para fora.
- 2 E, se a notícia for boa, suas chances de sobrevivência são ainda menores. Notícia que o pessoal gosta é corrupção, é escândalo, é miséria, é tudo aquilo que deu errado. Nas ocasiões em que o Brasil dá certo, aí não é notícia (e não vale nem a regra de que boa notícia é o inusitado). Lugar de notícia boa é a cesta do lixo.
- 3 Jundiaí, no interior de São Paulo, atingiu 100% no fornecimento de água tratada e chegou muito perto disso no tratamento de esgotos (só não atingiu 100% por um problema judicial). Notícias? Só nos jornais da região, e olhe lá. A capital de São Paulo, onde o programa de água e esgotos caminha bem mas ainda está longe da universalização, ignorou o tema. O Brasil, onde água tratada e esgoto são coisas de gente rica, preferiu investigar se tem ministro comendo tapioca com cartão corporativo (tema que até vale investigação, mas não pode substituir outros assuntos de importância, que se referem à vida e à morte dos cidadãos).
- 4 São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, é um exemplo ainda mais claro de que as boas notícias são desprezadas pelos meios de comunicação. De acordo com os números da respeitadíssima Fundação Seade, o índice de mortalidade infantil de São Caetano é o menor do país; equipara-se aos da Bélgica e do Japão, quatro mortes por mil nascimentos. É índice que ocorre no Primeiro Mundo.

Explorando a oposição entre boas e más notícias, o título antecipa a tese defendida pelo artigo.

Todo o artigo pode ser entendido como um desdobramento da voz de Gaspari, citada neste primeiro parágrafo.

No segundo parágrafo, o articulista retoma a voz de Gaspari, complementando-a e contrastando-a com a voz do "pessoal".

Referência a gastos abusivos com cartões corporativos. Esses excessos, de interesse exclusivamente pessoal, foram alvo de muitas denúncias na grande imprensa.

No terceiro parágrafo, o articulista inicia uma série de referências a fatos positivos (vozes aliadas) sistematicamente ignorados pela grande imprensa (voz adversária).

Ao apresentar este dado, o articulista usa um argumento de autoridade: a credibilidade da voz de uma instituição "respeitadíssima".

ANEXO II

5 A derrubada dos índices de mortalidade infantil não ocorre, em lugar nenhum, apenas pela boa atenção à saúde: exige tempo, trabalho coordenado, que envolve planejamento, engenharia (tratamento de esgotos e água), meio ambiente (plântio de árvores, limpeza de rios e córregos), coleta de lixo, de preferência seletiva, assistência social (há em São Caetano um programa tipo bolsa-família, mais completo que o federal, mantido com recursos municipais), aleitamento materno, cuidados com as gestantes, educação em sentido amplo, higiene, empregos. E envolve, o que é raro, continuidade administrativa: não é porque um prefeito é adversário do antecessor que deve abandonar seus planos. O atual prefeito, José Auricchio, reeleito com 70% dos votos, tem na oposição boa parte do grupo político de seu antecessor. E daí? Neste processo todo, a cidade de 150 mil habitantes atingiu o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país. E, fora da região do Grande ABC, o fato foi olímpicamente ignorado pelos meios de comunicação.

Neste parágrafo o articulista chama a atenção para o grau elevado de interesse público dos fatos positivos a que se refere, mostrando seu alcance social, político, econômico e histórico.

6 Dizem que Ribeirão Preto vai muito bem na área social (mas como encontrar dados, se não há reportagens?). E, o que aparece às vezes na TV (mas rarissimamente na imprensa escrita), a cidade se transformou em área de tecnologia de ponta no uso do raio laser em auxílio a transplantes. Há belas experiências de sustentabilidade ambiental no Rio Grande do Sul, há o hospital de referência no tratamento de câncer de Barretos, há as experiências em Campinas da Unicamp em energia alternativa e cirurgia para diabetes, há excelentes pesquisas em Campina Grande, na Paraíba, há um belo trabalho da Embrapa e da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, há a agricultura irrigada de ótima qualidade no semiárido nordestino. E quem sabe, por ter sido informado pelos meios de comunicação, que as hélices dos geradores de vento da Europa são, em grande parte, fabricadas no Brasil?

A oração "Dizem que..." sugere e introduz uma "voz corrente", representante da opinião pública, dada como favorável à tese do autor.

ANEXO III

7 Vale matéria? De vez em quando, a TV mostra, em horários alternativos, em programas especializados, alguns aspectos dessas experiências positivas. De muita coisa este colunista tomou conhecimento ao integrar o júri do último Prêmio Esso de Jornalismo, com belíssimas matérias nos jornais da região sobre os bons fatos que também ocorrem.

8 Vale matéria? Deveria valer. Mas, além da volúpia por más notícias, há um problema extra, que assusta pauteiros e repórteres: o medo da patrulha. Fazer matéria a favor pode dar a impressão de que há alguma coisa esquisita além da reportagem. Mas é preciso vencer também este preconceito – ou ficaremos restritos ao noticiário policial fingindo que é cobertura política.

Ao se referir à "patrulha" que assusta pauteiros (jornalistas que definem o que será publicado), o articulista aponta uma voz adversária poderosa: a dos jornalistas que suspeitam das boas notícias.

Nestes dois parágrafos, dirige ao leitor uma pergunta retórica, "Vale matéria?", que tem por objetivo tanto assinalar um novo momento do texto quanto levá-lo a tomar um posicionamento favorável, adentrando à tese e à proposta final do articulista.

Observatório da Imprensa
Coluna Boas Novas, 18/8/2009. Disponível em
<www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=6551CIR001>.

